

USP tem protesto contra eleição

Alunos pedem votação mais democrática para reitor; apuração começaria às 20 horas

Dois protestos realizados ontem na Cidade Universitária foram os únicos sinais visíveis de movimentação política durante o primeiro turno da eleição para reitor da Universidade de São Paulo (USP).

Os estudantes pedem eleições mais democráticas, com maior participação de alunos e funcionários. Cerca de 1,9 mil eleitores, dos quais 165 são alunos, poderiam votar ontem para escolher o 25º reitor da instituição. Até o fechamento desta edição, a contagem dos votos ainda não havia começado.

A apuração estava marcada para as 20 horas e os oito candidatos pretendiam acompanhá-la. Estão em campanha os diretores das faculdades de Direito, João Grandino Rodas, de Educação, Sonia Penin, de Arquitetura, Sylvio Sawaya, e a de Física de São Carlos, Glaucius Oliva. Wanderley Messias, da Comunicação Social, Francisco Miraglia, da Matemática, e os pró-reitores Armando Corbani e Ruy Altafim completam o grupo.

O primeiro turno tem a função de determinar uma lista com oito candidatos ao cargo, já que todos os professores titulares da USP podem receber votos. No dia 10, um colégio eleitoral menor escolherá a lista tríplice que vai ser enviada ao governador José Serra (PSDB).

Uma das manifestações ocorreu no período da manhã, no Instituto de Psicologia, enquanto professores, alunos e funcionários se dirigiam às urnas. Teve faixas e distribuição de panfletos, propondo um maior peso para alunos e funcionários no pleito.

A segunda partiu da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e reuniu cerca de cem estudantes



MANIFESTAÇÃO - Motorista discute com estudantes que fecharam rua da Cidade Universitária; nos câmpus do interior, eleição foi tranquila

que caminharam com faixas, carro de som e rojões até a reitoria. Durante alguns minutos, paralisaram o trânsito na Avenida Luciano Gualberto. Não houve confronto, apenas discussões com motoristas que tentavam furar o bloqueio.

O segundo protesto começou à tarde porque, de acordo com organizadores, seria o período com maior número de alunos na FFLCH. O Diretório Central dos Estudantes da USP (DCE-USP) coordenou as duas manifestações. Nas demais unidades, o clima foi tranquilo.

No câmpus da Faculdade de Odontologia de Bauri (FOB)

houve uma única urna. Telma Lopes da Silva, especialista em laboratório e servidora há 17 anos, acredita que a participação dos funcionários na eleição poderia ser mais expressiva. Atualmente, dos 55 membros eleitores de Bauri, apenas 2 são servidores não docentes. Os alunos contam com mais representantes – cinco no total.

O diretor da FOB, Luiz Fernando Pegoraro, também se posiciona a favor de um número maior de eleitores. “Eu não acho que a eleição tem de ser paritária, tem de ter uma porcentagem. Mas concordo que a porcentagem dos servidores

não docentes tem de ser maior do que a dos alunos. Porque o engajamento dos servidores dentro da USP é maior que o dos alunos.”

Em Ribeirão Preto, das 285 pessoas que tinham direito a voto, 268 compareceram. Os poucos estudantes que passavam ao lado do local de votação ignoravam que ali havia um pleito para o comando da instituição. “Nem sabia da eleição”, disse a estudante de fisioterapia Juliana Godoy.

Das 114 pessoas com direito a voto na escolha do novo reitor da universidade nos câmpus de Piracicaba e Pirassununga, 84

compareceram aos locais de votação. O clima foi de tranquilidade.

Uma das críticas feitas ao atual modelo é a baixa representatividade: votam apenas 1 em cada 3 professores da USP, 1 em cada 220 funcionários e 1 em cada 483 alunos. Dos 91 eleitores de Piracicaba, por exemplo, 81 são docentes, 3 são funcionários e 7, alunos. O câmpus tem 238 professores, 2.006 alunos na graduação, 1.062 na pós-graduação e 529 funcionários. ● **ALEXANDRE GONÇALVES, BRÁS HENRIQUE, TATIANA FÁVARO e DAVI VENTURINO**

SERGIO CASTRO/AE